

## **Feminismo Negro no Meio Digital em Portugal: Análise dos Perfis de Instagram @quotidianodeumanegra e @umaficana**

**Inês Rua**

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - ines.rua@hotmail.com

### **Resumo**

Os feminismos têm assumido diferentes contornos, suscitado diversas temáticas e abarcado vários palcos. Atualmente, vivemos um período histórico onde os *media* digitais assumem um importante papel: as mulheres encontraram novos espaços de empoderamento, resistência e participação, nos mais diversos âmbitos. Se os feminismos negros e as pessoas que durante séculos travaram as lutas nacionais nas reivindicações pela igualdade de género e de raça permanecem na penumbra, por outro lado, uma nova geração de ativistas tem feito uso das redes sociais para desencadear a possibilidade da existência de uma nova vaga feminista negra em Portugal. A presente investigação preten-

de analisar os feminismos negros em Portugal na sua confluência com as redes sociais, para responder à pergunta: quais as principais reivindicações do feminismo negro Portugal por meio dos perfis @quotidianodeumanegra e @umaficana? Assim, propomo-nos tecer uma análise de publicações em duas páginas da rede social Instagram de pessoas que se dedicam à partilha de conteúdos relacionados com o tema que aqui nos prende. Para tal, recorreu-se metodologicamente à análise temática crítica, conforme enunciada por Lawless e Chen (2019), aliando-se também uma abordagem crítica feminista com inspiração na interseccionalidade como método crítico definido por Collins (2019).

**Palavras-chave:** Feminismo negro, redes sociais, Instagram, interseccionalidade.

## **Black Feminism in the Digital Environment in Portugal: Analysis of the Instagram Profiles @quotidianodeumanegra and @umaficana**

### **Abstract**

Feminisms have taken different forms, raised different themes, and covered various stages. We live in a historical period where digital media play an important role: women have

found new spaces for empowerment, resistance, and participation, in the most diverse areas. If black feminisms and the people who for centuries waged national struggles

in demands for gender and racial equality remain in the shadow of invisibility, on the other hand, a new generation of activists has made strong use of social networks to trigger the possibility of the existence of a new black feminist wave in Portugal. This research aims to analyze black feminisms in Portugal at their confluence with social networks, raising the research question that guided this study: What are the main demands of black feminism in Portugal through the profiles @

quotidianodeumanegra and @umafricana? Therefore, we propose to analyze publications on two pages on the social network Instagram by people who are dedicated to sharing content related to the topic that concerns us here. To this end, critical thematic analysis was methodologically used, as stated by Lawless and Chen (2019), also combining a critical and feminist approach inspired by intersectionality as a critical method defined by Collins (2019).

**Keywords:** Black feminism, social media, Instagram, intersectionality.

## 1. INTRODUÇÃO

Foi sobre raiva que Audre Lorde discursou na Conferência da *National Women's Studies Association*, em 1981: “Toda mulher tem um arsenal bem abastecido de raiva potencialmente útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que deram origem a essa raiva” (BlackPast, 2012). Os usos desta raiva de que nos fala Audre Lorde, experienciada enquanto causa e consequência, surgem como resposta das mulheres negras ao racismo (BlackPast, 2012).

Nas narrativas dos movimentos feministas, pareceu não haver espaço para trazer questões raciais à colação, pelo que, ao longo da história, as feministas negras foram criando os seus próprios momentos disruptivos em “espaços quotidianos não convencionais” (Peterson-Salahuddin, 2022). Atualmente, esses espaços marcam presença online, fruto da evolução da tecnologia digital. Conforme Catherine Knight Steele (2021), “na blogosfera, pensadoras feministas negras, através de textos extensos, construção de comunidades e arquivamento digital, começaram a elaborar princípios fundamentais para a retórica feminista negra digital que vemos agora em sites como o Twitter e o Instagram” (p. 67).

Partindo desta visão, com o presente estudo propomo-nos a analisar os feminismos negros em Portugal na sua confluência com as redes sociais, tendo como objetivo responder à questão de investigação: quais as principais reivindicações do feminismo negro Portugal por meio dos perfis @quotidianodeumanegra e @umafricana?

Neste sentido, num primeiro momento deste estudo, resenhar-se-á um contexto histórico e social dos movimentos feministas negros e aflorar-se-á o conceito de feminismo negro digital. De seguida, a parte empírica do trabalho será constituída pela análise de 57 publicações das páginas da rede social Instagram @quotidianodeumanegra de Mafalda Fernandes e @umafricana de Sandra Baldé, enquanto páginas que se dedicam à partilha de conteúdos com a temática que aqui nos prende, tendo por base metodológica a Análise Temática Crítica, como definida por Brandi Lawless e Yea-Wen Chen (2019) e uma abordagem feminista com inspiração na interseccionalidade como método crítico definido por Patricia Hill Collins (2019).

## **2. OS MOVIMENTOS FEMINISTAS NEGROS**

Nas palavras de Angela Davis (2020), “o feminismo negro emergiu como um esforço teórico e prático a demonstrar que a raça, o género e a classe são inseparáveis nos contextos sociais em que vivemos” (p. 19). Internacionalmente, os feminismos negros surgiram como voz para quebrar “o silêncio das oprimidas”, na expressão tecida por bell hooks (2018, p. 17).

O grito “Não serei eu mulher?”, que intitula o livro de bell hooks “Não serei eu mulher? Mulheres negras e feminismo”, remonta já a 1851, tendo dado o nome ao famoso discurso de Sojourner Truth. Se da primeira vaga dos feminismos conhecemos bem as lutas sufragistas e os boicotes e bombardeios liderados por Emmeline Pankhurst, o referido discurso fica por contar. Como recorda bell hooks (2018), “Sojourner Truth era, neste aspecto, a mais frontal das mulheres negras. Defendia publicamente o direito de voto das mulheres e sublinhava que, sem ele, a negra teria de se submeter à vontade do negro” (p. 21).

Além disso, durante a primeira vaga dos feminismos,

As influentes sufragistas brancas americanas não retraíram os seus comentários racistas quando, após a Guerra Civil Americana, foi concedido o direito de voto aos homens negros - e a elas, não. Nessa altura, já bastante avançados no século

XX, as mais importantes feministas britânicas defenderam o colonialismo na Índia, argumentando que só com uma «civilização» racialmente codificada era possível «elevar as mulheres de cor da sua baixa condição». (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019)

“O pessoal é político!” assume-se como o mote marcante da segunda onda dos feminismos. Contudo, como indica Audre Lorde (2013), é impossível sustentar este mote sem atender ao “o papel da diferença dentro das vidas de mulheres”, marcando-se essa diferença por diversos fatores identitários que se cruzam entre si. Por isso, “é uma arrogância acadêmica particular supor qualquer discussão sobre teoria feminista sem examinar nossas muitas diferenças, e sem uma contribuição significativa das mulheres pobres, negras e do terceiro mundo, e lésbicas” (Lorde, 2013).

Enquanto as feministas brancas consideravam que o género era a sua principal fonte de exclusão e as mulheres como um grupo homogéneo, vozes de mulheres negras como Michele Wallace, Mary Ann Weathers, bell hooks, Alice Walker e Bettina Aptheker se ergueram para trazer a componente da raça para a equação. Como refere Ealasaid Munro (2013), o livro de bell hooks “Não serei eu mulher? Mulheres negras e feminismo” tornou-se um ponto de viragem para o desenvolvimento da terceira vaga de feminismos. A autora veio lançar o alerta para o facto de que “as mulheres brancas do movimento de emancipação não questionaram esta prática sexista/racista; deram-lhe continuidade” (hooks, 2018, p. 27). Conta ainda como

éramos habitualmente as únicas pessoas negras em círculos predominantemente brancos. E entendia-se qualquer debate em torno da raça como um desviar das atenções das políticas de género. Por isso, não espanta que as negras tenham tido de criar um corpus autónomo e diferenciado que congregasse a nossa visão da raça, da classe social e do género. (p. 12)

Foi na terceira onda dos movimentos feministas que o termo interseccionalidade foi cunhado por Kimberlé Crenshaw (2002), enquanto “conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (p.117). Audre Lorde (1984) explicita que, enquanto feminista negra lésbica, se viu frequentemente “encorajada a arrancar algum aspeto de mim mesma e apresentá-lo como o todo significativo, eclipsando ou

negando as outras partes de si mesmo” (p. 120). No seu entendimento, aqui reside uma forma “destrutiva e fragmentadora de viver”:

A minha concentração máxima de energia está disponível para mim somente quando eu integro todas as partes de quem eu sou, abertamente, permitindo que o poder de fontes particulares de minha vida flua para frente e para trás livremente através de todos os meus diferentes eus, sem as restrições de definições impostas externamente. (p. 120-121)

Atualmente, debate-se a existência de uma quarta vaga de feminismos, considerando-se que foi a Internet que ditou esta passagem:

A existência de uma “quarta onda” feminista foi contestada por aqueles que sustentam que o aumento do uso da internet não é suficiente para delinear uma nova era. Mas está cada vez mais claro que a internet facilitou a criação de uma comunidade global de feministas que usam a internet tanto para discussão quanto para ativismo. (Munro, 2013)

Conforme refere Alexander (2021), há quem considere que não se pode verdadeiramente afirmar o término da terceira vaga. Na verdade, considerando a complexidade destes movimentos, é difícil definir com precisão o início e o fim de cada uma das três vagas aqui resumidamente descritas.

O certo é que o século XXI deu início a uma nova forma de ativismo. Desde o seu começo que temos assistido a uma imensa expansão tecnológica que tem permitido a promoção de causas através de tecnologias digitais.

### **3. FEMINISMO NEGRO NA ERA DIGITAL**

Conforme Chelsea Peterson-Salahuddin (2022) explicita, a produção intelectual feminista negra sempre foi criada em “espaços quotidianos não convencionais”. Os meios digitais tornaram-se atualmente um dos espaços mais comuns para tal. A autora designa de “comunidades feministas negras de plataformas” as dinâmicas que são criadas, desde a sua conceção em rede até à sua execução, em “comunidades baseadas em média social geralmente formadas em torno de hashtags que discutem as experiências vividas por mulheres negras”.

Já Catherine Knight Steele (2021) enceta o seu livro, em torno do tópico de feminismo negro digital, constatando que “os livros sobre raça costumam ser sobre homens negros, os livros sobre tecnologia costumam ser sobre homens brancos e os livros sobre feminismo costumam ser sobre mulheres brancas” (p.1). Voltamos à questão de Sojourner Truth: “Não serei eu mulher?”. A autora traçou dois objetivos para a escrita de um livro sobre esta temática: o primeiro referente ao facto de emergir a necessidade de centralizar as mulheres negras para o futuro da tecnologia de comunicação e o segundo relativo à demanda de documentar quais os princípios e as práticas do feminismo negro, incluindo os pensamentos online das pensadoras feministas negras, nos espaços digitais como centrais para esse trabalho (Steele, 2021).

Na confluência entre “vida real” e “vida online”, as feministas negras têm contribuído para mudar as possibilidades do pensamento feminista negro na era digital, ao mesmo tempo que o pensamento feminista negro tem mudado com as tecnologias. Para Catherine Knight Steele (2021), a capacidade tecnológica que têm assumido as mulheres negras advém de um contexto histórico de, desde sempre, “terem de existir em múltiplas palavras, manipular várias tecnologias e maximizar os seus recursos” (p. 4). Neste sentido, o feminismo negro digital “é uma iteração geracionalmente específica e historicamente contingente do pensamento feminista negro” (Steele, 2021, p. 10), brotando enquanto um “novo ethos” que se encontra em estreita ligação com a própria transformação do mundo digital.

Com “O Manifesto ciborgue - ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX”, Dona Haraway (2016) fez florescer o conceito de “ciberfeminismo”, enquanto “um movimento que utiliza as novas tecnologias como forma de libertação das mulheres, pois possibilita uma construção em que elas estão livres do corpo” (Cerqueira, Ribeiro & Cabecinhas, 2009, p. 115). Contudo, Catherine Knight Steele (2021) salienta que, embora o ciberfeminismo aborde as mulheres e o seu papel nas tecnologias, não conseguiu trazer para análise a questão da raça e outras identidades.

Além de a tecnologia digital ter permitido que o movimento feminista negro chegue às massas (Steele, 2021), também tem contribuído para se dar novas aceções ao conceito de esfera pública: existe um novo espaço de deliberação e mobilização onde as pessoas têm a possibilidade de produzir e partilhar o seu próprio conteúdo, sendo a informação e a partilha de conteúdos imediata e constante. Pluralizou-se e aumentou-se a representação de mais participantes, temas e estilos na discussão.

Porém, se, por um lado, as teorizações de Hannah Arendt (1998) e de Jürgen Habermas (2012) enriqueceram a comunidade académica com os conceitos-chave que

estabeleceram sobre esfera pública e têm contribuído amplamente como base para estudos científicos centrados nesta questão, as perspetivas feministas têm suscitado severas críticas ao modo como esses pensamentos não só excluem as mulheres, como também não contribuem para refletir sobre a exclusão histórica e sistémica das mulheres da esfera pública.

Neste sentido, têm sido propostas esferas públicas (cujos termos variam entre) múltiplas, alternativas, concorrentes ou subalternas, onde possam ser integradas e reconhecidas outras esferas que não foram examinadas na teoria de Habermas, recaindo sobre o filósofo a crítica de apenas ter idealizado uma “esfera pública liberal” (Fraser, 1990, p. 63). O apelo tem sido, ao longo da história, lançado por “membros de grupos sociais subordinados - mulheres, trabalhadores/as, povos de cor e, gays e lésbicas” que “têm repetidamente considerado vantajoso constituir públicos alternativos” (Fraser, 1990, p. 67).

Analisando especificamente o fenómeno dos hashtags, Chelsea Peterson-Salahuddin (2002) recupera, à semelhança de Rachel Kuo (2016), a terminologia de Nancy Fraser: “os contrapúblicos de hashtags feministas geralmente criam comunidades ao trazer experiências privadas de opressão de género à atenção do público”, da mesma forma que “os contrapúblicos de hashtag racial trazem a atenção do público para experiências culturais distintas e realidades materiais de usuários/as de media social não brancos/as”.

Para Catherine Knight Steele (2021), o feminismo negro digital consiste, assim, em centralizar as mulheres negras na definição e na história da tecnologia digital, tendo presente que ele é uma forma de compreender como o pensamento feminista negro não só é alterado, como altera a tecnologia. Para a autora, o feminismo negro digital “pode ser especialmente adequado para minar o alcance e o poder da cibercultura branca (masculina)” (p. 51).

#### **4. PERCURSO METODOLÓGICO**

De modo a compreender quais as principais reivindicações do feminismo digital negro no contexto português, por meio dos perfis @quotidianodeumanegra e @umaficana, recorreremos metodologicamente à análise temática crítica, conforme enunciada por Brandi Lawless e Yea-Wen Chen (2019), aliando-se também uma abordagem e feminista crítica com inspiração na interseccionalidade como método definido por Patricia Hill Collins (2019).

Conforme Virginia Braun e Victoria Clarke (2006), a análise temática permite seguir uma abordagem acessível e teoricamente flexível, tendo em conta os objetos de estudo a que nos propusemos, enquanto método qualitativo que possibilita identificar, analisar e interpretar padrões/temas, dentro dos dados recolhidos (Reses & Mendes, 2021). Seguindo a conceitualização de Virginia Braun e Victoria Clarke (2006), trilhámos um caminho de seis etapas: familiarização com os dados; geração de códigos iniciais; procura por temas; revisão dos temas; definição e nomeação de temas; produção do relatório.

A partir da perspectiva de Brandi Lawless e Yea-Wen Chen (2019), a análise temática possibilita a “integração com perspectivas críticas, especialmente como uma abordagem analítica para pesquisas qualitativas que visam objetivos de justiça social” (2019, p. 96). Neste sentido, as autoras propõem um método que resulte dos critérios de recorrência, repetição e contundência de William Foster Owen, aglutinando-se, a esses critérios, a “referência ao posicionamento da identidade cultural, perguntando assim: “Quem disse isso e porque é que isso importa?”” (p. 96).

A pertinência da aplicação deste método para análise de publicações em páginas da rede social Instagram de pessoas que se dedicam à partilha de conteúdos relacionados com o feminismo negro enquadra-se, no sentido de, à semelhança do que foi referido, tentar enquadrar os critérios de recorrência (consiste na repetição do significado sem se empregar o uso das mesmas palavras), repetição (aparecimento específico das mesmas expressões ou palavras) e contundência (a importância que é dada à linguagem) nessas mesmas publicações, não descurando a necessidade do questionamento de quem o disse e de qual a importância, aliado a um contexto histórico e social. Importa termos presente que estes padrões se encontram conectados a ideologias mais amplas e que nos permitiu desenvolver temas informados criticamente na fase da produção do relatório (Lawless & Chen, 2019).

Por outro lado, aliou-se uma abordagem crítica e feminista com inspiração na interseccionalidade como método crítico definido por Patricia Hill Collins (2019). Tendo em conta que o termo interseccionalidade foi cunhado por Kimberlé Crenshaw (1991, 2015), nos anos 80, manifestando que existem várias formas de opressão que não só se cruzam entre si como também se potenciam mutuamente, Patricia Hill Collins (2019) mostra esta componente pode surgir como um método que “abre uma janela para pensar a importância das ideias e a ação social na mudança social” (p. 288).

Na contextualização tecida por Patricia Hill Collins (1998), a interseccionalidade, tendo por base os Estudos sobre Mulheres Negras, despertou o interesse acadêmico em 1990: “ao contrário de examinar gênero, raça, classe e nação, como sistemas separados de opressão, a interseccionalidade explora que esses sistemas se constroem mutuamente” (p. 63). Neste sentido, a autora expõe que os estudos que recorrem a análises interseccionais “sugerem que certas ideias e práticas surgem repetidamente em vários sistemas de opressão e servem como pontos focais ou localizações sociais privilegiadas para esses sistemas interseccionados” (p. 63).

Assim sendo, o corpus aqui em análise foi recolhido a partir de duas páginas de Instagram: *@quotidianodeumanegra* de Mafalda Fernandes e *@umafriana* de Sandra Baldé. Para a recolha das publicações de relevo para o estudo aqui presente, a pesquisa foi feita no *CrowdTangle* a partir das palavras-chave: mulher(es) negra(s); mulher(es) preta(s); feminista; e feminismo. Desta forma, analisámos 57 publicações que continham uma ou mais destas palavras-chave (27 publicações de *@quotidianodeumanegra* e 30 de *@umafriana*). Em termos temporais, a recolha do corpus foi delimitada entre a data da primeira publicação de cada uma das páginas (abril de 2021 no caso de *@quotidianodeumanegra* e agosto de 2015 no caso de *@umafriana*) até setembro de 2023. A lista do corpus encontra-se em anexo, estando as publicações enumeradas de forma a poderem ser identificadas ao longo do manuscrito.

Procuramos perceber quais as principais temáticas críticas que se destacavam a partir da análise dos textos verbais presentes nas descrições e nas imagens das publicações analisadas. Neste sentido, foram identificados os seguintes temas críticos: 1. *Necessidade de um feminismo inclusivo*; 2. *Beleza, autoestima e amor próprio*; 3. *Autoidentificação e falta de representação*; 4. *Cabelo*; 5. *Objetificação sexual*.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em conta os temas críticos que foram identificados, passaremos em seguida a uma análise detalhada de cada um deles.

### 5.1. Sobre a necessidade de um feminismo inclusivo: não serei eu mulher?

À semelhança do que anteriormente foi referido sobre o facto de as mulheres negras se sentirem historicamente excluídas pelo movimento feminista, também nestas duas páginas se notou esse sentimento:

#### Figura 1

P12 (2022-10-06)



Fonte: @quotidianodeumanegra

Nesta publicação, a autora da página @quotidianodeumanegra expõe que:

Estou zangada com o feminismo em Portugal, porque não sinto que esta luta seja sobre mulheres que realmente estão numa posição vulnerável. Percepciono o feminismo neste país como uma agenda que tenta elevar mulheres que por si só já se encontram numa posição de grande privilégio. (Texto em imagem - P12 (2022-10-06))

Numa outra publicação de @quotidianodeumanegra, a autora advoga a necessidade de “Por um feminismo mais inclusivo, caso contrário não é feminismo 🤝”:

**Figura 2**

P6 (2022-03-08)

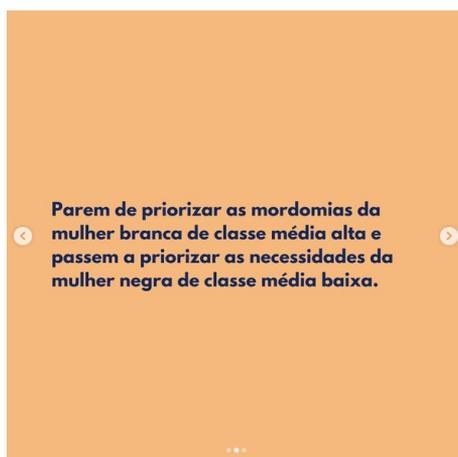


Fonte: *@quotidianodeumanegra*

Seguindo igualmente esta ótica, a página *@quotidianodeumanegra* considera que para que o feminismo possa ser interseccional deve:

**Figura 3**

P24 (2023-07-31)



Fonte: *@quotidianodeumanegra*

Também a página @*umafriicana* denotou experienciar a sensação de desilusão para com os movimentos feministas, considerando que:

Quando eu descobri o movimento feminista eu fiquei encantada. Mas com o tempo fui percebendo que até mesmo dentro de um movimento onde eu me deveria sentir acolhida por ser mulher, eu era excluída por ser negra. (Descrição - P42 - 2021-04-02)

A autora da página elenca, nesta publicação, a existência de quatro momentos em que o feminismo não contempla mulheres negras:

1- *Feminismo para quem?*: @*umafriicana* refere precisamente o facto de a primeira onda dos movimentos feministas terem reivindicado o direito a trabalhar, quando as mulheres negras sempre trabalharam (e em condições precárias). Salienta também que, enquanto as mulheres brancas se tentavam libertar do poder dos homens brancos, mulheres negras enfrentavam um lugar de subordinação perante homens e mulheres.

2 - *Raça vs Género*: Na visão da autora da página, são as duas questões de subordinação que as mulheres negras enfrentam em simultâneo.

3 - *Hiperssexualização*: No seu entender, as mulheres negras sempre sofreram de objetificação e fetichização que as despoja de humanidade, feminilidade e intelectualidade.

4- *Cabelo*: O cabelo é referenciado como um símbolo de resistência.

Os discursos veiculados nas duas páginas aqui em análise conduzem-nos à necessidade de que fala Sueli Carneiro (2020) sobre “enegrecer o feminismo”. Desde logo, trata-se de ter em conta que

as mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (Carneiro, 2020)

Como supra resenhámos, este sentimento de exclusão dos movimentos feministas já foi expresso por várias autoras, entre as quais Françoise Vergès (2023):

«Feminista» nem sempre é um termo fácil de usar. As traições do feminismo ocidental constituem um fator de repulsa, bem como o seu vivo desejo de integrar o mundo capitalista e de ter um lugar no mundo dos homens predadores, e a sua obsessão em torno da sexualidade dos homens racializados e da vitimização das mulheres racializadas. (p. 21)

Assim, a autora defende que o feminismo deve adotar uma abordagem multi-dimensional, procurando perceber a existência de ligações sem estabelecer uma hierarquização de lutas. O conceito de feminismo decolonial surge, assim, como uma forma de contribuir para “a luta que parte da humanidade há séculos trata para afirmar o seu *direito à existência*” (Vergès, 2023, p. 27).

As autoras das páginas relatam algumas situações que se encontram em justa posição com o sentimento de exclusão de “Não serei eu mulher?”.

A página *@umafriicana* expõe a “desumanização da mulher negra”:

a desumanização da mulher negra.

a mulher forte, que adora s\*x0, que faz os filhos mulatos, não sente dor, trabalha horrores, tem de atender aos estereótipos físicos, lutadora, guerreira, e ninguém respeita de verdade. (Descrição - P37 - 2021-02-28)

Igualmente, a autora da página constata que:

Existe a “maquilhagem” e a “maquilhagem para pele negra”. Existem as “tranças” e as “tranças para negras”. Existe uma Joana Sá Pereira e existe uma Romualda Fernandes Preta.

Existe o que se lê e se vê como norma, e depois existe o que já não é normal.

É isso. O branco sempre se viu como uma pessoa.

Ponto. (Descrição - P44 - 2021-05-14)

Neste sentido, em *@quotidianodeumanegra* é afirmado que “Nós não somos todos iguais e eu tenho orgulho em ser uma mulher negra: não me comparem a pessoas brancas pois nenhuma delas sabe ou alguma vez vai saber o que é sofrer com o racismo” (Descrição - P7 - 2022-04-19).

Desta forma, denotámos que as publicações que se enquadram no âmbito de feminismo inclusivo não abarcam uma panóplia ampla de temáticas que seria de esperar e que fossem questionadas pelas autoras das páginas, nomeadamente sobre alguns temas mencionados nas palavras de Françoise Vergès (2023):

Partilho da ênfase dada ao Estado e adiro a um feminismo que pense em *conjunto* patriarcado, Estado e capital, justiça reprodutiva, justiça ambiental e crítica da indústria farmacêutica, direitos das/os migrantes, das/os refugiadas/os e fim do feminicídio, luta contra o Antropoceno-Capitaloceno racial e criminalização da solidariedade. (p. 41)

Ambas as páginas analisadas focam-se na exclusão das mulheres negras, aliando essencialmente esta questão à necessidade de um feminismo inclusivo.

### **5.2. Beleza, autoestima e amor próprio: “Preta, assume a tua beleza”**

“Preta, assume a tua beleza” (P21 - 2023-05-06) é uma das frases que inicia uma descrição de uma publicação da página @quotidianodeumanegra. Nas duas páginas aqui analisadas, denotou-se uma preocupação em colocar as mulheres negras enquanto seres belos que se devem amar a elas próprias. Se, por um lado, as mulheres na sua globalidade foram definidas como o “sexo belo”, comportando severos prejuízos para a perceção que as mulheres têm delas próprias, por outro, as mulheres negras foram completamente excluídas desta conceção de beleza.

Naomi Wolf (2018), em “O Mito da Beleza”, debruçou-se sobre como a “lavagem cerebral” de padrões de belezas contribuem para discriminar e prejudicar fisicamente mulheres. No entanto, esses padrões de beleza foram definidos através de uma visão eurocêntrica. Por isso, como menciona Susan L. Bryant (2019),

As mulheres negras hoje estão sujeitas a mensagens incessantes sobre os ideais europeus de beleza através da família, dos pares, dos parceiros, dos meios de comunicação e da sociedade em geral. Se as jovens negras contrastarem com o que a sociedade considera atraente, poderão ter dificuldade em crescer para se aceitarem. (p. 81)

**Figura 4**

P52 (2022-01-08)



Fonte: *@umafriicana*

Como evidencia *@umafriicana*, “Quando se é preta e mulher, o conceito de beleza e feminilidade estão sempre no limbo. Quanto vale a minha existência quando não sou diferente demais, ousada demais,”black girl magic” demais?” (Descrição - P56 -2022-03-28).

A reflexão da página *@quotidianodeumanegra* vai ao encontro precisamente da questão de os padrões de beleza definidos socialmente terem excluído as mulheres negras desse âmbito:

A beleza da mulher negra sempre existiu. Mas infelizmente é muito desvalorizada.

Não preciso de ter o cabelo liso para ser bonita , não preciso de ter uns lábios e um nariz fino para ser bonita , e mais do que tudo , não preciso de ter pele clara para ser bonita. Eu gosto de mim tal e qual como eu sou, e ai de quem te diga a ti que por seres negra não és bonita. Chega de idolatrar a beleza da mulher branca. A beleza não tem cor. (Descrição - P1 - 2021-05-19)

Mensagens veiculadas sobre amor próprio foram frequentemente encontradas nas duas páginas:

**Figura 5**

*P16 (2023-02-12)*



Fonte: *@quotidianodeumanegra*

Lê-se na descrição desta publicação: “Eu gostava que a mulher negra não duvidasse de si, da sua aparência, dos seus sonhos. Porque a dúvida é o impasse que permanece no caminho da auto-realização, da auto-estima e por certo do amor próprio” (Descrição - P16 - 2023-02-12).

A partilha de relatos pessoais é também frequentemente:

Sabiam que 6 em cada 10 pessoas têm dificuldade em praticar o amor-próprio?

Eu fiz parte desse índice. O meu processo de aceitação enquanto mulher negra vem de um lugar muito doloroso. Foram muitos anos de auto-ódio e inseguranças que me impediam de ser eu. Consegui romper essas barreiras e agora encontro-me num lugar que, embora seja de autoconhecimento constante, é de muito amor. (Descrição de *@umafriicana* - P43 - 2021-04-14)

Segundo a página *@umafriicana*,

amor próprio não é forçar goela abaixo que temos que amar tudo o que somos e acabou. é sobre autoconhecimento, é sobre uma conversa sincera que todos deveríamos ter conosco próprios e com os nossos corpos. é sobre autocuidado, afinal quem ama cuida, não é? (Descrição - P31 - 2019-02-25)

### **5.3. Autoidentificação e falta de representação**

Com uma estreita ligação à temática anterior, a exclusão dos padrões definidos pela sociedade faz emergir a demanda pela autoidentificação. Como reflete Catherine Knight Steele (2021), “a sua autoidentificação é uma decisão política, intencionalmente resistente ao tipo de alteridade que a branquitude hegemónica pratica diariamente” (p. 75).

Das publicações analisadas, com alguma frequência foi referenciada a boneca Barbie, enquanto representação de um “padrão de beleza branco inatingível para a grande maioria das pessoas - uma mulher loira magra de olhos azuis” (Descrição de *@quotidianodeumanegra* - P19 - 2023-04-07). A autora de *@umafriicana* referencia “tornei-me na barbie preta que eu nunca tive” (Descrição - P32 - 2019-07-25).

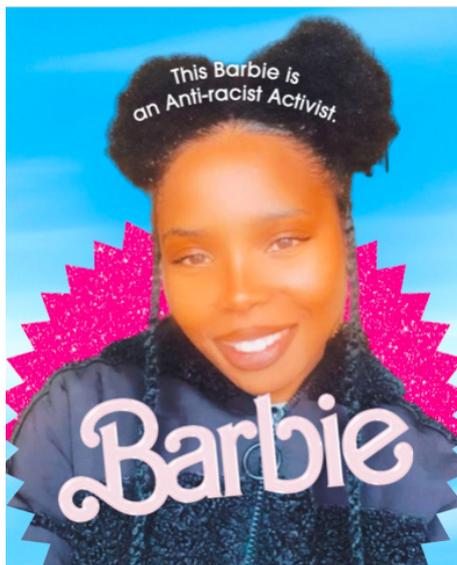
Sendo a boneca Barbie um fenómeno mundial para muitas crianças, na página *@umafriicana* foi evidenciada a importância de representação com base na inclusão e na diversidade:

eu nunca tive uma barbie preta quando era mais nova. parece uma idiotice mas são coisas tão simples e normais como a representatividade na vida de uma criança que contribuem para a construção da sua autoestima. (Descrição - P34 - 2020-05-14)

O lançamento do filme “Barbie” em 2023, realizado por Greta Gerwig, foi catalisador para dar origem uma publicação sobre o tema na página *@quotidianodeumanegra*. A autora da página sublinha que “no novo filme que irá estrear, Issa Rae, uma atriz negra que aprecio bastante fará parte do elenco! É um sim à diversidade e inclusão, pois todas as crianças poderão ver a beleza da negritude representada no entretenimento mainstream!” (Descrição - P19 - 2023-04-07).

**Figura 6**

P19 (2023-04-07)



Fonte: @quotidianodeumanegra

A autora de @quotidianodeumanegra também se pronunciou sobre o filme “A Pequena Sereia”, estreado em 2023 e realizado por Rob Marshall, que conta como protagonista com a atriz negra Halle Bailey: “Ainda há quem insista que a Ariel não pode ser negra. Descansem em paz 🙌” (Descrição - P23 - 2023-07-12). Neste sentido, com fortes referências à temática que anteriormente explorámos sobre beleza feminina negra, também verbalizou:

Mulheres negras durante muito tempo e ainda atualmente são vistas como sendo masculinas. A mulher negra nunca teve hipótese de se comportar como se fosse a cinderela, pois a sociedade não permite que a mulher negra seja princesa. Já para ser sereia foi o que foi. (Descrição - P25 - 2023-08-23)

Neste campo, Patricia Hill Collins (2016) elucida que “a insistência de mulheres negras autodefinirem-se, autoavaliarem-se e a necessidade de uma análise centrada na mulher negra” se deve a duas razões. A primeira é devida ao facto de que a definição e a valorização da “consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente

a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação” (p. 105). Como indica a autora, não podendo as mulheres negras participar nas definições que foram estabelecidas socialmente e tendo-lhes sido negada a autoridade para o fazer, os modelos definidos conduzem a imagens que representam as mulheres negras como “um outro negativo” em contraposição com a imagem positiva dos homens brancos (Collins, 2016).

Já a segunda razão prende-se com a questão de a autodefinição e a autoavaliação das mulheres negras contribuir para que elas próprias rejeitem a “opressão psicológica internalizada” (Collins, 2016, p. 106). Para Collins (2016), esta opressão comporta um “potencial à autoestima de mulheres”, pelo que “aguentar os ataques frequentes de imagens controladoras requer uma força interior considerável” (p. 106).

#### ***5.4. Cabelo: uma forma de resistência***

Na evidência tecida por bell hooks (2014), “aos olhos de muita gente branca e outras não negras, o black parece palha de aço ou um casco. As respostas aos estilos de penteado naturais usados por mulheres negras revelam comumente como o nosso cabelo é percebido na cultura branca: não só como feio, como também atemorizante”. Contudo, o cabelo para as mulheres negras comporta uma importante carga axiológica enquanto um símbolo de resistência, como é referido na página *@umafriicana*:

A aceitação do cabelo afro é um movimento necessário. Eu tenho uma longa e intensa história de relação com o meu, e sei que muitas outras manas também. Mas o cabelo afro é uma parte de mim, não sou eu que faço parte dele! E a minha africanidade não pode ser definida pela forma como eu uso o meu cabelo. Isso não existe, e nem eu permito que façam isso comigo. (Descrição - P38 - 2021-03-07)

Voltando à temática da beleza feminina, bell hooks (2014) denota que “juntos racismo e sexismo nos recalcam diariamente pelos meios de comunicação. Todos os tipos de publicidade e cenas cotidianas nos aferem a condição de que não seremos bonitas e atraentes se não mudarmos a nós mesmas, especialmente o nosso cabelo”.

Sobre essa pressão, a página *@umafriicana* partilhou uma experiência pessoal vivenciada no local de trabalho:

Vamos falar sobre este tipo de assédio e discriminação no emprego? Eu Sandra, já tive de deixar um emprego por causa das minhas tranças. Sim, disseram na minha cara que estava a manchar a imagem da empresa por usar tranças. Caí fora. Mas não deveria ser assim. (Descrição - P35 - 2020-06-13)

Por outro lado, foi também sublinha o descontentamento que sentem quando são feitos comentários alusivos ao seu cabelo:

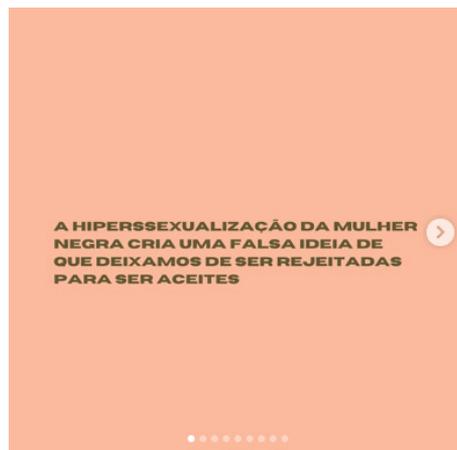
Expressar a tua opinião sobre o cabelo da mulher negra sem ninguém te perguntar rigorosamente nada, não só é uma invasão do espaço do outro como é desrespeitoso e racista. Ninguém vos pediu opinião, já muito se disse sobre os nossos cabelos nos últimos 500 anos. (Descrição de @quotidianodeumanegra - P17 - 2023-03-28)

### 5.5. *Objetificação sexual*

Para Patricia Hill Collins (2016), “negar à mulher negra agência enquanto sujeito e tratá-la como o “outro” objetificado representa ainda uma singular dimensão do poder que constructos de oposição dicotômicos salvaguardam para a manutenção do sistema de dominação” (p. 109). Esta objetificação das mulheres negras tem reflexos em termos sexuais, contribuindo para a sua hiperssexualização:

#### **Figura 7**

P46 (2021-06-08)



Fonte: @umaficana

Nas palavras da autora de @quotidianodeumanegra:

Mulher negra, sim. Objeto sexual, não.

Cansada de ser assediada e maltratada de cada vez que saio de casa. Que estas lágrimas se transformem em força, para exterminar o mal que me fazem diariamente. (Descrição - P27 - 2023-09-30)

## 6. CONCLUSÃO

Como primeiro ponto a assinalar, não poderíamos deixar de referir que, como nos dá conta o artigo de Cristina Roldão (2019), no jornal *Público*, “Feminismo negro em Portugal: falta contar-nos”, em Portugal, os movimentos feministas negros e as pessoas que durante séculos travaram as lutas nacionais nas reivindicações pela igualdade de género e de raça permanecem na invisibilidade:

falta tecer a genealogia do feminismo negro em Portugal e suas articulações com outros movimentos, conta a história das mulheres negras portuguesas enquanto sujeitos políticos e de conhecimentos, aquilo que, no fundo, bell hooks faz, para a realidade dos EUA, em Não serei eu mulher? e que tem sido uma das traves-mestras do feminismo negro um pouco por todo o mundo.

Urge “enegrecer”, como diz Sueli Carneiro (2020), o contexto histórico e social dos movimentos feministas no panorama nacional. Dessa penumbra de invisibilidade, os pensamentos negros feministas das ativistas digitais têm vindo a afirmar o seu “*direito à existência*” (Vergès, 2023, p. 27).

Na reflexão de Catherine Knight Steele (2021), “o feminismo negro digital sugere que sintonizemos o nosso olhar com as mulheres negras porque elas potencialmente fornecem o local de investigação mais robusto como académicas digitais interessadas nas capacidades e restrições da comunicação digital” (p. 15). Não podemos deixar de considerar que no âmbito da investigação científica, em Portugal, ainda existe um longo caminho por desbravar, no que concerne aos movimentos feministas negros.

Neste estudo, procurando compreender as principais reivindicações do feminismo negro digital em Portugal, enquanto questão de investigação a que nos propuse-

mos, foram analisados os discursos textuais presentes em descrições e imagens de 57 publicações das páginas de Instagram @quotidianodeumanegra de Mafalda Fernandes e @umafriicana de Sandra Baldé. Os resultados mostraram que se destacaram cinco temas críticos: *Necessidade de um feminismo inclusivo*; *Beleza, autoestima e amor próprio*; *Autoidentificação e falta de representação*; *Cabelo*; e *Objetificação sexual*.

Para Catherine Knight Steele (2021), “o feminismo negro é o meio para derrubar as forças opressivas da sociedade que prejudicam a todos, não apenas às mulheres negras” (p. 4). Neste sentido, as autoras das páginas analisadas reclamam a necessidade dos movimentos feministas primarem pela inclusão e pela diversidade, não perpetuando os mecanismos de exclusão que as mulheres negras enfrentam e enfrentaram diariamente ao longo da história da humanidade.

Além disso, os padrões eurocêtricos de beleza excluíram as mulheres negras dessa equação. As duas páginas, aqui em análise, procuram reivindicar a beleza das mulheres negras, esforçando-se através dos seus conteúdos fomentar sentimentos de autoestima e amor próprio. Como anteriormente sublinhámos, no binómio que estabelece a imagem dos homens brancos como positiva e a imagem das mulheres negras como negativa, enquanto sendo o “Outro”, às mulheres negras foi-lhes negada a capacidade e a autoridade de poderem desafiar esses modelos (Collins, 2016).

Neste sentido, as ativistas digitais em análise procuram também demarcar-se das imagens que erroneamente lhes são associadas, fazendo uso das suas redes sociais para se autoidentificarem e se representarem, alertando, através das suas experiências pessoais, para os efeitos nefastos que a falta de representação pode comportar para as mulheres negras.

Manifestaram-se, ainda, neste estudo mais duas temáticas que constituem duas das múltiplas formas de discriminação que as mulheres negras vivenciam: o cabelo e a objetificação sexual. Por um lado, as páginas analisadas procuram denotar a beleza dos seus cabelos, enquanto um símbolo de resistência das mulheres negras, acautelando para comportamentos discriminatórios neste âmbito. Por outro lado, a objetificação sexual que estas duas mulheres experienciam, enquanto mulheres negras, foi mencionada enquanto uma fonte de revolta, contribuindo para as desprover de humanidade, feminilidade e intelectualidade.

O pensamento feminista negro atual no meio digital em Portugal faz emergir os “usos da raiva” que experienciam enquanto mulheres negras, canalizando essa raiva como resposta para fazer frente ao racismo que vivenciam no seu dia-a-dia. Como escreveu a autora da página @umafriicana, “Mulher preta é forte porque não tem

muita escolha. É subestimada, enxovalhada, ridicularizada, explorada, violentada. É que ser forte, guerreira e resiliente não é uma meta, é o resultado de várias violências” (Descrição - P55 - 2022-03-26).

Por fim, não podemos deixar de referir que existe, ainda, um longo percurso a trilhar no que concerne à investigação em torno desta temática. Numa rede social como o Instagram, ficou por explorar neste artigo uma análise semiótica bem como uma análise aos hashtags contidos nas publicações analisadas. Neste sentido, com esta investigação, pretendemos abrir caminho para que novas questões possam não só ser abordadas, como também aprofundadas no futuro sobre este tema.

## REFERÊNCIAS

- Alexander, K. L. (2021). Feminism: The Fourth Wave. *National Women’s History Museum*. <https://www.womenshistory.org/exhibits/feminism-fourth-wave>
- Arendt, H. (1998). *The Human Condition* (2.<sup>a</sup> Edição). The University of Chicago Press.
- Arruzza, C., Bhattacharya, T. & Fraser, N. (2019). *Feminismo para os 99%*. Objectiva.
- BlackPast, B. (2012, 12 de agosto). (1981). Audre Lorde, “The Uses of Anger: Women Responding to Racism”. *BlackPast.org*. <https://www.blackpast.org/african-american-history/speeches-african-american-history/1981-audre-lorde-uses-anger-women-responding-racism/>
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Bryant, S. L. (2019). The Beauty Ideal: The Effects of European Standards of Beauty on Black Women. *Columbia Social Work Review*, 11(1), 80–91. <https://doi.org/10.7916/cswr.v11i1.1933>
- Carneiro, S. (2020). Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *NEABI*. <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>
- Cerqueira, C., Ribeiro, L. T. & Cabecinhas, R. (2009). Mulheres & Blogosfera: Con-

- tributo para o Estado da Presença Feminina na «Rede». *Ex Aequo*, 19, 111-128. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10033>
- Collins, P. H. (2016). Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, 31 (1), p. 99-127. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>
- Collins, P. H. (2019). *Intersectionality as critical social theory*. Duke University Press.
- Crenshaw, K. (1991). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine. *Feminist Theory and Antiracist Politics*, 1 ( 8 ) , 1 2 4 1 - 1 2 9 9 . <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, 10, 171-188. <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>
- Crenshaw, K. (2015, 24 de setembro). Why intersectionality can't wait. *The Washington Post*. <https://www.washingtonpost.com/news/in-theory/wp/2015/09/24/why-intersectionality-cant-wait/>
- Davis, A. (2020). *A Liberdade é uma Luta Constante - Ferguson, a Palestina e as Bases de um Movimento*. Antígona Editores Refractários.
- Fraser, N. (1990). Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. *Social Text*, 25/26, 56-80. <https://doi.org/10.2307/466240>
- Habermas, J. (2012). *A Transformação Estrutural da Esfera Pública*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Haraqay, D. (2016). *A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-. Feminism in the Late Twentieth Century*. University of Minnesota Press.
- hooks, b. (2014). Alisando o Nosso Cabelo. *Portal Geledés*. <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>
- hooks, b. (2018). *Não Serei Eu Mulher? As Mulheres Negras e o Feminismo*. Orfeu Negro.

- Kuo, R. (2018). Racial justice activist hashtags: Counterpublics and discourse circulation. *New Media & Society*, 20(2), 495–514. <https://doi.org/10.1177/1461444816663485>
- Lawless, B. & Chen, Y. (2019). Developing a Method of Critical Thematic Analysis for Qualitative Communication Inquiry. *Howard Journal of Communications*, 30(1), 92-106. <https://doi.org/10.1080/10646175.2018.1439423>
- Lorde, A. (1984). *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Triangle Classics.
- Lorde, A. (2013). Mulheres negras: As ferramentas do mestre nunca irão desmantelar a casa do mestre. *Portal Geledés*. <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantelar-a-casa-do-mestre/>
- Munro, E. (2013). Feminism: A Fourth Wave?. *Political Insight*, 4 (2), 22-25. <https://doi.org/10.1111/2041-9066.12>
- Peterson-salahuddin, C. (2022). Posting Back: Exploring Platformed Black Feminist Communities on Twitter and Instagram. *Social Media + Society*, 8 (1). <https://doi.org/10.1177/20563051211069051>
- Reses, G. & Mendes, I. (2021). Uma visão prática da Análise Temática: Exemplos na investigação em Multimédia em Educação. In: A. P. Costa; A. Mota & P. Sá (Coords.), *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação análise de dados* (pp. 13-28). [https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30773/1/Metodologias%20investigacao\\_Vol3\\_Digital.pdf](https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30773/1/Metodologias%20investigacao_Vol3_Digital.pdf)
- Roldão, C. (2019, 18 de janeiro). Feminismo negro em Portugal: falta contar-nos. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/01/18/culturaipilon/noticia/feminismo-negro-portugal-faltacontarnos-1857501>
- Steele, C. K. (2021). *Digital Black Feminism*. New York University Press.
- Vergès, F. (2023). *Um Feminismo Decolonial*. Orfeu Negro.
- Wolf, N. (2018). *O Mito da Beleza: Como as imagem de beleza são usadas contra as mulheres* (1.ª Edição). Rosa dos Tempos.

## Anexo: Lista de publicações analisadas

Designação	Data	Página	Link
P1	2021-05-19	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CPEmirHNBm/">https://www.instagram.com/p/CPEmirHNBm/</a>
P2	2021-06-24	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CQgwtU0HMSk/">https://www.instagram.com/p/CQgwtU0HMSk/</a>
P3	2021-07-26	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CRzekASsoBd/?img_index=1">https://www.instagram.com/p/CRzekASsoBd/?img_index=1</a>
P4	2021-09-16	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CT4SJ3rIjk5/">https://www.instagram.com/p/CT4SJ3rIjk5/</a>
P5	2022-01-20	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CY9unV-MnHu/">https://www.instagram.com/p/CY9unV-MnHu/</a>
P6	2022-03-08	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/Ca2M68ksw1s/">https://www.instagram.com/p/Ca2M68ksw1s/</a>
P7	2022-04-19	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/Cci_7ICsshC/">https://www.instagram.com/p/Cci_7ICsshC/</a>
P8	2022-04-28	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/Cc6EjRrMjS0/">https://www.instagram.com/p/Cc6EjRrMjS0/</a>
P9	2022-07-22	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CgU9eqRsreD/">https://www.instagram.com/p/CgU9eqRsreD/</a>
P10	2022-07-31	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/Cgrps1UMeB5/">https://www.instagram.com/p/Cgrps1UMeB5/</a>
P11	2022-09-12	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CialzUhs0v4/">https://www.instagram.com/p/CialzUhs0v4/</a>
P12	2022-10-06	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CjYae4mMpFa/">https://www.instagram.com/p/CjYae4mMpFa/</a>
P13	2022-12-02	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/ClqrjQZM0tB/">https://www.instagram.com/p/ClqrjQZM0tB/</a>
P14	2023-01-17	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CniAlaHszP4/">https://www.instagram.com/p/CniAlaHszP4/</a>
P15	2023-01-27	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/Cn7hDK3sV7Z/">https://www.instagram.com/p/Cn7hDK3sV7Z/</a>
P16	2023-02-12	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/Cok59aus0uJ/">https://www.instagram.com/p/Cok59aus0uJ/</a>
P17	2023-03-28	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CqWGGmQoe5O/">https://www.instagram.com/p/CqWGGmQoe5O/</a>
P18	2023-04-05	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CqqDQpIMUDb/">https://www.instagram.com/p/CqqDQpIMUDb/</a>
P19	2023-04-07	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/Cqu5trks6mG/">https://www.instagram.com/p/Cqu5trks6mG/</a>
P20	2023-04-13	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/Cq_S1kysF2p/?img_index=7">https://www.instagram.com/p/Cq_S1kysF2p/?img_index=7</a>
P21	2023-05-06	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/Cr5g7clsFY-/">https://www.instagram.com/p/Cr5g7clsFY-/</a>
P22	2023-05-25	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CsrTk57sSbA/">https://www.instagram.com/p/CsrTk57sSbA/</a>
P23	2023-07-12	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CukMYmGMMyXw/">https://www.instagram.com/p/CukMYmGMMyXw/</a>
P24	2023-07-31	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CvX9bItMdqr/">https://www.instagram.com/p/CvX9bItMdqr/</a>
P25	2023-08-23	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CwTY1bUMOJZ/">https://www.instagram.com/p/CwTY1bUMOJZ/</a>
P26	2023-09-02	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/Cws1-GTsZyM/">https://www.instagram.com/p/Cws1-GTsZyM/</a>
P27	2023-09-30	<i>quotidianodeumanegra</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/Cx0-5jXM6C2/">https://www.instagram.com/p/Cx0-5jXM6C2/</a>
P28	2016-09-14	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/BKUQs9CA7Fr/">https://www.instagram.com/p/BKUQs9CA7Fr/</a>
P29	2017-12-22	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/BdBevg_BuG-/">https://www.instagram.com/p/BdBevg_BuG-/</a>
P30	2018-02-12	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/BfHPeHRhUEp/">https://www.instagram.com/p/BfHPeHRhUEp/</a>
P31	2019-02-25	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/BuUndsqBCJs/">https://www.instagram.com/p/BuUndsqBCJs/</a>

**Feminismo Negro no Meio Digital em Portugal: Análise dos Perfis de Instagram  
@quotidianodeumanegra e @umafriicana**

P32	2019-07-25	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/B0Wq4n8jLVq/">https://www.instagram.com/p/B0Wq4n8jLVq/</a>
P33	2020-05-07	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/B_51jG3Dznc/">https://www.instagram.com/p/B_51jG3Dznc/</a>
P34	2020-05-14	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CALy4oujngF/">https://www.instagram.com/p/CALy4oujngF/</a>
P35	2020-06-13	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CBZIs2oDhkG/">https://www.instagram.com/p/CBZIs2oDhkG/</a>
P36	2020-10-14	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CGVSWOsj_jC/">https://www.instagram.com/p/CGVSWOsj_jC/</a>
P37	2021-02-28	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CL2feQBD4cy/">https://www.instagram.com/p/CL2feQBD4cy/</a>
P38	2021-03-07	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CMIfXEjfrW/">https://www.instagram.com/p/CMIfXEjfrW/</a>
P39	2021-03-09	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CMLWPFMjhox/">https://www.instagram.com/p/CMLWPFMjhox/</a>
P40	2021-03-12	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CMVbirmDMsM/">https://www.instagram.com/p/CMVbirmDMsM/</a>
P41	2021-03-30	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CNDmWE6jrbe/">https://www.instagram.com/p/CNDmWE6jrbe/</a>
P42	2021-04-02	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CNLQs9CDd_K/">https://www.instagram.com/p/CNLQs9CDd_K/</a>
P43	2021-04-14	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CNqEa1FDkCM/">https://www.instagram.com/p/CNqEa1FDkCM/</a>
P44	2021-05-14	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CO3b-orj4c4/">https://www.instagram.com/p/CO3b-orj4c4/</a>
P45	2021-04-20	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CN5hLewDDnM/">https://www.instagram.com/p/CN5hLewDDnM/</a>
P46	2021-06-08	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CP3Cj8rjVaH/">https://www.instagram.com/p/CP3Cj8rjVaH/</a>
P47	2021-06-24	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CQgE5Wsj14a/">https://www.instagram.com/p/CQgE5Wsj14a/</a>
P48	2021-07-12	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CRN38n3Dtw5/">https://www.instagram.com/p/CRN38n3Dtw5/</a>
P49	2021-08-25	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CTA1xdYjnm2/">https://www.instagram.com/p/CTA1xdYjnm2/</a>
P50	2021-09-29	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CUa2FfRjrQM/">https://www.instagram.com/p/CUa2FfRjrQM/</a>
P51	2021-11-06	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CV85d1BDjHV/">https://www.instagram.com/p/CV85d1BDjHV/</a>
P52	2022-01-08	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CYfFifiDjCh/">https://www.instagram.com/p/CYfFifiDjCh/</a>
P53	2022-01-30	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CZXueCAjrQy/">https://www.instagram.com/p/CZXueCAjrQy/</a>
P54	2022-02-13	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CZ6RZDmgfW2/">https://www.instagram.com/p/CZ6RZDmgfW2/</a>
P55	2022-03-26	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CblZ1JZDsCO/">https://www.instagram.com/p/CblZ1JZDsCO/</a>
P56	2022-03-28	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CbqhScND42E/">https://www.instagram.com/p/CbqhScND42E/</a>
P57	2022-06-28	<i>umafriicana</i>	<a href="https://www.instagram.com/p/CfxUQxLD5GL/">https://www.instagram.com/p/CfxUQxLD5GL/</a>